

os despojados
uma utopia ambígua
ursula k. le guin

Tradução de Fernanda Semedo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



CARTA DA EDITORA

A presente carta revela elementos do enredo do livro.

o ano de 1974 apanhou a América desprevenida com as revelações do escândalo Watergate que culminariam com a demissão do presidente Richard Nixon no mês de agosto. Na sequência de uma década turbulenta, os EUA já tinham sido testemunhas de múltiplos assassinatos de figuras políticas, violência racial contra movimentos de direitos civis e o país era parte de uma sempre presente guerra fria contra uma superpotência com poder nuclear. No decurso desses eventos, irrompe na América uma consciência social e política, abrindo a porta ao feminismo, a movimentos ecologistas e a sucessivos manifestos antiguerra escritos por uma nação a ser diariamente sangrada na guerra do Vietname e a desperdiçar nos campos de batalha os melhores anos da sua geração de homens jovens.

Nesse verão, foi publicada a primeira edição de *The Dispossessed* de Ursula K. Le Guin, uma obra que se posicionou então na vanguarda — juntamente com títulos como *The Female Man* de Joanna Russ ou *Triton* de Samuel R. Delany — de um novo conjunto de obras utópicas que estavam prestes a transformar o formato clássico literário das utopias em algo único e moderno, com temas elaborados e um complexo *worldbuilding* que visava expor enredos que iam para além da descrição de uma sociedade ideal e perfeita.

Como parte do ciclo Hainish — o conjunto de obras de ficção científica

da autora que exploram um futuro alternativo em que várias civilizações estão a estabelecer pela primeira vez relações diplomáticas interplanetárias sob orientação da cultura anciã dos Hain –, *Os Despojados* é uma obra ambiciosa que procura explorar os problemas subjacentes à criação de uma sociedade genuinamente anarquista. A descoberta pelo cientista Shevek do ansível, um instrumento que possibilita comunicação instantânea interplanetária, é o elemento que irá desencadear o choque de culturas e empurrar o protagonista para uma jornada de reconciliação de dois mundos, assumindo o difícil papel de derrubador de muros de isolamento e intolerância (não por acaso, Shevek tem sonhos recorrentes com muros).

Ao delinear esta “Utopia Ambígua” (o subtítulo da obra), Le Guin revela que, na essência, a utopia construída em Anarres é uma utopia sujeita a falhas, do mesmo modo que Urras nunca poderia oferecer a liberdade intelectual a que Shevek tanto aspira.

Não deixa de ser curioso notar que *Os Despojados* tenha sido publicado no ano da revolução dos Cravos e Portugal estivesse então a passar por uma transição de regime político marcada por turbulência que opunha precisamente comunistas a socialistas (apoiados por países capitalistas), oposição que só realmente pacificaria nos anos 80, embora deixando bem evidente uma forte polarização nas próximas décadas.

A obra foi publicada em Portugal pela primeira vez em dois volumes pelas Edições Europa-América em 1983, sendo preciso esperar trinta e quatro anos por uma nova edição, pela Saída de Emergência. Estou grata pela oportunidade inesperada que surgiu na feira do livro de Frankfurt de 2016 e que me permitiu dialogar com a autora (através dos nossos agentes). Quando perguntei se era possível incluir na nossa edição um prefácio seu, ela recusou devido ao fardo da idade. É fácil esquecer como uma octogenária à beira dos noventa anos não tem a mesma energia que tinha há quarenta anos, mesmo quando a sua mente ainda tem a mesma acutilância e vivacidade de sempre.

Se ela tivesse escrito o prefácio, ter-lhe-ia perguntado a opinião em relação à evolução da situação no seu país que acaba de entrar num novo ciclo político marcado pelos factos alternativos da Presidência Trump. Nos tempos da Guerra Fria, a respiração do mundo estava suspensa entre as vontades de uma potência capitalista perante uma potência marxista-leninista. Atualmente, várias décadas depois, observamos que a sociedade capitalista privilegiou uma elite política inteiramente corrompida pelo poder do dinheiro e a sociedade marxista-leninista cedeu

a uma neo-sovietização também corrupta e com desejos de dominância mundial. Não há linhas vermelhas pois os regimes políticos fundiram-se, influenciaram-se mutuamente, sujeitaram-se a interferências externas, assimilaram alguns elementos para largar outros, e o que temos agora são monstros assustadores de rosto disforme a quem temos de inventar novos nomes: nacionalistas-populistas, *Alt-Right*, negacionistas, criacionistas, anticiência, todos a rumar em sentido inverso ao progresso.

Sei, pelas leituras recentes no seu blogue, que Ursula K. Le Guin tem receios pelo futuro. Em 2010, escrevia: “Tenho esperanças e medos. Hoje em dia, são os medos que mais prevalecem. Quando os meus filhos eram pequenos, ainda podia alimentar a esperança de que não daríamos totalmente cabo do ambiente a bem deles, mas agora que o fizemos, e nos vendemos mais do que nunca ao lucro corporativo que se projeta num futuro com duração de poucos meses, qualquer esperança que pudesse vir a ter de as gerações vindouras alcançarem paz tornou-se muito ténue.”

Mas nestes tempos estranhos, gosto de pensar no idealismo de Shevek e de como, na ânsia de dar a conhecer o seu trabalho e usá-lo como instrumento para melhorar a sociedade, ele lutou tanto que se tornou um novo homem, mais consciente, mais convicto, mais abalado, mas não destruído. No fim da sua jornada revolucionária, Shevek foi capaz de resistir ao cinismo, desencanto e conservadorismo, sem nunca abdicar das suas convicções na ciência e liberdade que o guiaram sempre ao longo do seu percurso.

Tenho consciência de que esta introdução a uma obra literária corre o risco de ser lida daqui a muitos anos e soar estranhamente datada. Mas não é inteiramente por acaso que se recupera um clássico desta envergadura nestes tempos de incerteza e mudança que atravessamos na segunda década do século XXI. Imagino um/a jovem a ler estas palavras e a pensar “quão estranhos esses anos políticos eram, mas se eles soubessem o que veio a seguir...” Por isso, abro uma janela de tempo e pergunto com receio, mas também esperança: O que virá a seguir, meus jovens leitores e leitoras do futuro?

Safaa Dib

Para o Parceiro

ANARRES



ANARRES

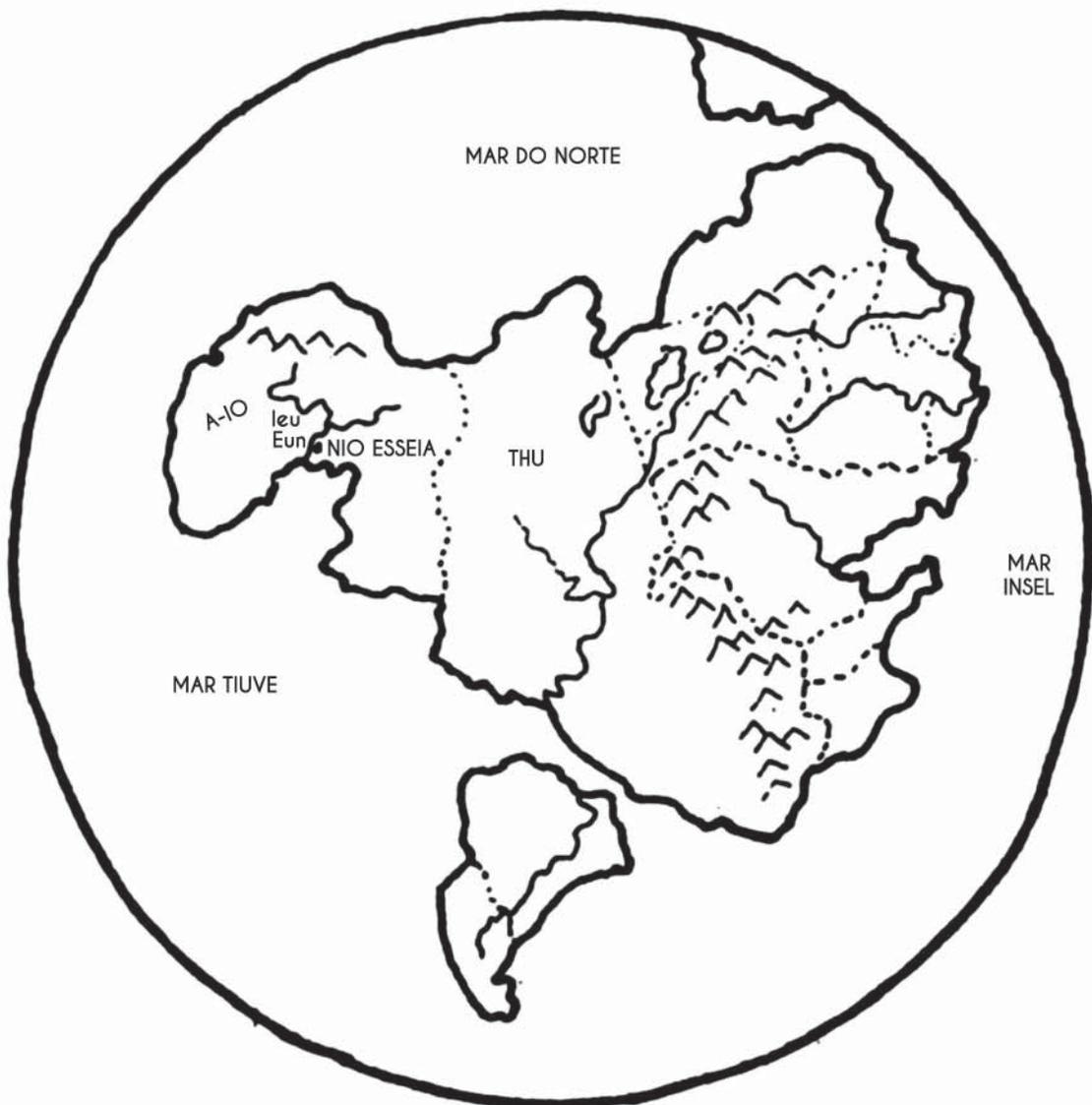


URRAS



HEMISFÉRIO OCIDENTAL

URRAS



HEMISFÉRIO ORIENTAL



CAPÍTULO 1

Havia um muro. Não parecia importante. Era feito de pedra bruta e toscamente cimentado. Um adulto podia espreitar por cima dele, e até uma criança seria capaz de o trepar. No sítio onde cruzava a estrada, em vez de ter um portão, degenerava em mera geometria, uma linha, uma ideia de fronteira. Mas a ideia era real. Era importante. Por sete gerações, não houvera nada no mundo mais importante do que o muro.

Como todos os muros, este era ambíguo, com duas faces. O que ficava dentro e o que ficava fora dependia do lado em que se estivesse.

Visto de um lado, o muro cercava um terreno árido de sessenta acres chamado Porto de Anarres. Neste terreno havia um par de grandes guindastes de cavalete, uma pista para foguetões, três armazéns, uma garagem de camiões e um dormitório. O dormitório tinha um aspeto robusto, sujo e triste; não havia jardins, nem crianças; obviamente ninguém vivia ali, nem se supunha que alguém permanecesse muito tempo. Na verdade, era uma quarentena. O muro não cercava apenas a pista de aterragem, mas também as naves que desciam do espaço, e os homens que vinham nas naves e os mundos de onde eles vinham, e o resto do universo. Cercava o universo, deixando de fora, e livre, Anarres.

Visto do outro lado, o muro cercava Anarres: todo o planeta ficava dentro dele, um grande campo prisional, isolado dos outros mundos e dos outros homens, em quarentena.

Uma série de pessoas vinha pela estrada em direção ao campo de aterragem, outras permaneciam em torno do local onde a estrada atravessava o muro.

As pessoas vinham muitas vezes da cidade próxima de Abbenay, na esperança de avistarem uma nave espacial, ou apenas para verem o muro. Afinal, tratava-se do único muro de fronteira no seu mundo. Em mais nenhum sítio podiam ver uma placa que dissesse *PASSAGEM PROIBIDA*. Os adolescentes, sobretudo, sentiam-se atraídos por ele. Iam até ao muro; sentavam-se nele. Talvez conseguissem avistar uma equipa a descarregar caixotes dos camiões junto dos armazéns. Talvez até houvesse uma nave de carga na pista. Estas desciam apenas oito vezes por ano, sem anúncio a não ser para os síndicos que realmente trabalhavam no Porto, por isso, quando os espetadores tinham a sorte de ver uma, ficavam entusiasmados, de início. Mas ali estavam eles agora, e ali estava ela, uma torre preta e atarracada, entre uma confusão de guindastes móveis, à distância, do outro lado do campo. E então uma mulher saiu de uma das equipas de trabalho nos armazéns e disse:

— Vamos fechar por hoje, irmãos. — Ela usava a braçadeira da Defesa, uma visão quase tão rara quanto a de uma nave espacial. Era um pouco arrepiante. Mas embora o seu tom fosse brando, era definitivo. Ela era a chefe desta equipa e, se fosse ameaçada, seria apoiada pelos seus síndicos. E, de qualquer maneira, não havia nada para ver. Os alienígenas, as pessoas de outros mundos, ficavam escondidos nas suas naves. Não havia espetáculo.

O espetáculo também era desinteressante para a equipa da Defesa. Por vezes, a chefe de equipa desejava que alguém tentasse atravessar o muro, que um tripulante estrangeiro saltasse da sua nave ou um miúdo de Abbenay tentasse introduzir-se lá dentro para ver melhor a nave de carga. Mas isso nunca acontecia. Nunca acontecia nada. E, quando alguma coisa aconteceu, ela não estava preparada.

O comandante da nave de carga *Mindful* perguntou-lhe:

— Essa multidão está atrás da minha nave?

A chefe de equipa olhou e viu que havia, de facto, uma verdadeira multidão junto do portão, cem pessoas ou mais. Estavam paradas, nada mais que isso, da mesma maneira que as pessoas ficavam paradas nas estações dos comboios de alimentos durante a Fome. A chefe de equipa assustou-se.

— Não. Eles estão, *hum*, a protestar — disse no seu iótico lento e limitado. — A protestar o, *hum*, percebe. O passageiro?

— Quer dizer que estão atrás daquele canalha que temos de levar? Vão tentar impedi-lo, ou a nós?

A palavra «canalha», sem tradução na língua da chefe de equipa, não significava nada para ela, exceto um qualquer termo estrangeiro que era usado para o seu povo, mas o som nunca lhe agradara, nem o tom do comandante, nem o comandante.

— Conseguem cuidar de vocês? — limitou-se a perguntar.

— Caramba, sim. Acabem de carregar, depressa. E metam esse passageiro canalha a bordo. Nenhuma multidão de odinhos nos vai causar qualquer problema. — Deu uma pancadinha numa coisa que usava no cinto, um objeto de metal que parecia um pénis deformado, e olhou com ar condescendente para a mulher desarmada.

Ela lançou ao objeto fálico, que sabia ser uma arma, um olhar frio.

— A nave estará carregada às 14 horas — informou. — Mantenha a tripulação em segurança lá dentro. Levantam às 14h40. Se precisarem de ajuda, deixem mensagem gravada no Controlo de Solo. — Foi-se embora antes que o capitão dissesse mais alguma coisa. O facto de estar zangada tornou-a mais contundente com a sua equipa e com a multidão. — Evacuem a estrada, aí! — ordenou, aproximando-se do muro. — Vão entrar camiões e alguém pode aleijar-se. Arredem!

Os homens e mulheres da multidão discutiram com ela e uns com os outros. Não paravam de atravessar a estrada e alguns atravessaram o muro. Contudo, deixaram a estrada praticamente desimpedida. Se a chefe de equipa não tinha experiência de comandar uma multidão, eles não tinham experiência de ser uma. Membros de uma comunidade, não elementos de uma coletividade, não eram movidos por um sentimento de massas; havia ali tantas emoções quantas pessoas. E como não esperavam que os comandos fossem arbitrários, não tinham prática em lhes desobedecer. A sua inexperiência salvou a vida do passageiro.

Alguns deles tinham-se dirigido ali para matar um traidor. Outros tinham vindo para o impedir de partir, ou para lhe gritar insultos, ou só para olharem para ele; e todos estes estorvaram o caminho, já de si estreito, aos assassinos. Nenhum deles tinha armas de fogo, apesar de um ou outro ter facas. Para eles, ataque era ataque corporal; queriam tratar do traidor com as suas próprias mãos. Esperavam que ele entrasse escoltado, num veículo. Enquanto procuravam inspecionar um camião de mercadorias e discutiam com o seu indignado motorista, o homem que procuravam veio sozinho pela estrada, a pé. Quando o reconheceram, já ele ia a meio do terreno,

com cinco síndicos da Defesa a segui-lo. Aqueles que pretendiam matá-lo iniciaram a perseguição, demasiado tarde, e alguns atiraram pedras, ainda a tempo. Mal atingiram no ombro o homem que visavam, exatamente quando ele entrava na nave, mas uma pedra de quase um quilo apanhou o lado da cabeça de um elemento da equipa de Defesa, matando-o imediatamente.

As escotilhas da nave fecharam-se. A equipa de Defesa voltou para trás, transportando o companheiro morto; não fizeram qualquer esforço para travar os líderes da turba que corriam na direção da nave, embora a chefe de equipa, lívida de choque e fúria, os amaldiçoasse a todos quando passaram por ela a correr, e eles desviaram-se para a evitar. Uma vez junto da nave, a vanguarda da turba dispersou-se e ali ficaram, indecisos. O silêncio da nave, os movimentos abruptos dos enormes guindastes esqueléticos, o estranho aspeto queimado do terreno, a ausência fosse do que fosse à escala humana, desorientou-os. Um jorro de vapor ou gás de algo que estava ligado à nave sobressaltou alguns; ergueram os olhares, desconfortavelmente, para os foguetes, vastos túneis negros por cima das suas cabeças. Do outro lado do campo, soou uma sirene de aviso. Primeiro um, depois outro, começaram todos a recuar na direção do portão. Ninguém tentou travá-los. Dez minutos depois, o terreno estava desimpedido e a multidão dispersa ao longo da estrada para Abbenay. Afinal, parecia não ter acontecido nada.

Dentro da *Mindful* acontecia muita coisa. Como o Controlo de Solo antecipara a hora de lançamento, todos os procedimentos tiveram de ser levados a cabo em metade do tempo. O comandante ordenara que o passageiro fosse amarrado e trancado na sala da tripulação, juntamente com o médico, para não estorvarem. Havia ali um ecrã, eles podiam assistir à descolagem, se quisessem.

O passageiro assistiu. Viu o terreno, e o muro em redor do terreno, e à distância, do outro lado do muro, as encostas do Ne Theras, salpicadas de *holum* rasteiro e de esparsos espinhos da lua cor de prata.

De repente, todas essas imagens desceram pelo ecrã. O passageiro sentiu a cabeça espalmada de encontro ao encosto almofadado. Era como uma consulta no dentista, a cabeça encostada, os maxilares abertos à força. Não conseguia respirar, estava enjoado, sentia os intestinos a soltarem-se com o medo. Todo o seu corpo bradou às forças imensas que se tinham apoderado dele, *Agora não, ainda não, esperem!*

Foram os olhos que o salvaram. O que eles insistiam em ver e reportar-lhe tirou-o do autismo do terror. Porque o ecrã continha agora uma estranha visão, uma enorme planície de pedra muito branca. Era o deserto

visto das montanhas sobranceiras ao Grande Vale. Como é que ele voltara ao Grande Vale? Tentou dizer a si mesmo que estava numa aeronave. Não, numa nave espacial. O extremo da planície tinha um brilho como o da luz sobre a água, luz através de um mar distante. Não havia água naqueles desertos. Que via ele, então? A planície de pedra já não era plana, mas côncava, como uma enorme taça cheia de luz do sol. Enquanto ele observava, assombrado, tornou-se mais rasa e derramou a luz. De repente, uma linha cortou essa taça, abstrata, geométrica, a secção perfeita de um círculo. Para além desse arco, havia negrura. Essa negrura invertia toda a imagem, tornando-a um negativo. A parte real, a parte de pedra, já não era côncava e cheia de luz, mas convexa, refletindo e rejeitando a luz. Não era uma planície nem uma taça, mas uma bola de pedra branca caindo na negrura, desaparecendo. Era o seu mundo.

— Não percebo — disse em voz alta.

Alguém lhe respondeu. Por momentos não compreendeu que a pessoa junto da sua cadeira falava com ele, lhe respondia, porque ele já não compreendia o que era uma resposta. Apenas estava claramente consciente de uma única coisa, o seu isolamento total. O mundo sob ele, e ele ficara sozinho.

Ele sempre temera que isto acontecesse, mais do que temia a morte. Morrer é perder o eu e voltar a juntar-se ao resto. Ele conservara-se a si mesmo e perdera o resto.

Conseguiu finalmente erguer o olhar para o homem ao seu lado. Era um estranho, claro. A partir de agora, apenas haveria estranhos. O homem falava numa língua estrangeira: iótico. As palavras faziam sentido. Todas as pequenas coisas faziam sentido; só a totalidade é que não. O homem dizia algo acerca das amarras que o prendiam à cadeira. Estava a mexer-lhes. De repente, a cadeira inclinou-se para cima e ele quase caiu, ficando enjoado e desequilibrado.

O homem não parava de perguntar se alguém tinha ficado ferido. De quem falava?

— Ele tem a certeza de que não ficou ferido? — A forma polida de tratamento em iótico era na terceira pessoa. O homem referia-se a ele. Ele não percebia porque havia de ter sido ferido; o homem não parava de falar acerca de lançamento de pedras. Mas a pedra nunca atingirá o alvo, pensou. Voltou a procurar a pedra no ecrã, a pedra branca caindo na escuridão, mas o ecrã ficara vazio.

— Estou bem — disse por fim, ao acaso.

Isto não acalmou o homem.

— Por favor, venha comigo. Sou médico.

— Estou bem.

— Por favor, venha comigo, Dr. Shevek!

— O senhor é médico — disse Shevek após uma pausa. — Eu não sou. Chamo-me Shevek.

O médico, um homem baixo, de pele clara e calvo, fez uma careta ansiosa.

— Devia estar na sua cabina, senhor — perigo de infeção —, não deve estar em contacto com ninguém além de mim, passei por duas semanas de desinfeção para nada, diabos levem aquele comandante! Por favor, venha comigo, senhor. Serei considerado responsável.

Shevek percebeu que o homenzinho estava perturbado. Não sentiu remorsos, nem empatia; mas, mesmo onde estava, em absoluta solidão, a única lei mantinha-se, a única lei que alguma vez reconhecera.

— Está bem — disse, pondo-se de pé.

Ainda se sentia enjoado e doía-lhe o ombro direito. Sabia que a nave devia estar em movimento, mas não o sentia; havia apenas um silêncio, um silêncio horrível e total, do outro lado das paredes. O médico conduziu-o a um quarto através de silenciosos corredores de metal.

Era um quarto muito pequeno, com paredes brancas, raiadas. Não agradou a Shevek, pois recordava-o de um sítio que ele não queria recordar. Parou à ombreira da porta. Mas o médico pediu e implorou que entrasse, e ele obedeceu.

Sentou-se na cama, que parecia uma estante, sentindo-se ainda tonto e letárgico, e observou o médico sem curiosidade. Sentia que devia ser curioso; aquele homem era o primeiro urrasti que via na sua vida. Mas estava demasiado cansado. Podia ter-se deitado e adormecido imediatamente.

Tinha estado a pé toda a noite anterior, organizando os seus papéis. Três dias antes despedira-se de Takver e das crianças, que iam para Paz-e-Abundância, e desde então estivera atarefado, correndo para a torre de rádio para trocar mensagens de última hora com pessoas em Urras, discutindo planos e possibilidades com Bedap e os outros. Ao longo destes dias agitados, desde que Takver partira, nunca sentira que estava a fazer todas aquelas coisas que fizera, mas sim que as coisas o faziam a ele. Ele estava nas mãos de outros. A sua própria vontade nunca entrara em ação. Não tivera necessidade de entrar em ação. Fora a sua própria vontade que desencadeara tudo aquilo, que criara este momento e as paredes que estavam

agora em volta dele. Há quanto tempo? Anos. Há cinco anos, no silêncio da noite em Chakar, nas montanhas, quando dissera a Takver, «Irei para Abbenay e demolirei muros». Antes disso, ainda; muitos anos antes, em Poeira, nos anos de fome e desespero, quando prometera a si próprio nunca mais voltar a agir sem ser pela sua escolha voluntária. E, cumprindo essa promessa, trouxera-se até aqui: a este momento sem tempo, a este lugar sem chão, a este quartinho, a esta prisão.

O médico examinara o seu ombro magoado (a ferida desconcertava Shevek; ele estivera demasiado tenso e apressado para perceber o que acontecera no campo de aterragem, e não sentira a pedra a acertar-lhe). Agora o médico virava-se para ele com uma agulha hipodérmica.

— Não quero isso — disse Shevek. O seu iótico falado era lento e, como ele sabia pelas mensagens trocadas por rádio, mal pronunciado, mas a gramática era suficientemente correta; tinha mais dificuldade em compreender do que em falar.

— Isto é a vacina do sarampo — disse o médico, surdo profissional.

— Não — repetiu Shevek.

O médico mordeu o lábio por um momento, antes de falar.

— Sabe o que é o sarampo, senhor?

— Não.

— É uma doença. Contagiosa. Frequentemente grave, em adultos. Não existe em Anarres; medidas profiláticas mantiveram-no afastado quando o planeta foi povoado. É comum em Urras. Pode matá-lo. O mesmo se pode dizer de uma dúzia de outras infeções virais comuns. O senhor não tem resistência. É dextro, senhor?

Shevek abanou automaticamente a cabeça. Com a graciosidade de um prestidigitador, o médico introduziu-lhe a agulha no braço direito. Shevek submeteu-se em silêncio a esta e outras injeções. Não tinha o direito de desconfiar ou protestar. Ele entregara-se a estas pessoas; prescindira do seu direito de decisão. Este desaparecera, tombara para longe dele juntamente com o seu mundo, o mundo da Promessa, a pedra estéril.

O médico voltou a falar, mas ele não ouviu.

Durante horas ou dias existiu num vazio, um vazio seco e desolado, sem passado nem futuro. As paredes apertavam-no. Fora destas, era o silêncio. Doíam-lhe os braços e as nádegas das injeções; apanhou uma febre que não chegou propriamente ao delírio mas o deixou num limbo entre a razão e a inconsciência, numa terra de ninguém. O tempo não passava. Não existia tempo. Ele era tempo: apenas ele. Ele era o rio, a seta, a pedra. Mas

não se mexia. A pedra lançada ficava suspensa a meio do caminho. Não havia dia nem noite. Por vezes o médico apagava a luz, ou acendia-a. Havia um relógio na parede ao lado da cama; o seu ponteiro movia-se de um para outro dos vinte números no mostrador, sem sentido.

Acordou após um sono longo e profundo e, como estava virado para o relógio, examinou-o sonolentemente. O ponteiro estava um pouco depois do 15, o que, se o relógio fosse lido a partir da meia-noite, como o relógio de 24 horas anarresti, significava que estavam a meio da tarde. Mas como podia ser o meio da tarde no espaço entre dois mundos? Bem, a nave manteria o seu próprio tempo, afinal. Perceber isso deu-lhe um grande ânimo. Sentou-se e não se sentiu tonto. Saiu da cama e testou o seu equilíbrio: satisfatório, embora sentisse que as solas dos pés não estavam firmemente em contacto com o chão; o campo de gravidade da nave devia ser bastante fraco. A sensação não lhe agradou muito; ele precisava de estabilidade, solidez, factos concretos. Em busca destes, começou a investigar metodicamente o quartinho.

As paredes vazias estavam cheias de surpresas, todas prontas para se revelarem a um toque no painel: lavatório, retrete, espelho, secretária, cadeira, armário, prateleiras. Havia vários aparelhos elétricos completamente misteriosos ligados ao lavatório, e a válvula da água não se interrompia quando se soltava a torneira, mas continuava a jorrar até ser fechada — um sinal, pensou Shevek, ou de grande fé na natureza humana, ou de grande abundância de água quente. Assumindo que se tratava da última, lavou-se completamente e, não encontrando toalha, secou-se num dos aparelhos misteriosos, que emitiu uma agradável lufada de ar quente que lhe fez cócegas. Não encontrou as suas roupas, pelo que voltou a vestir aquelas com que se encontrara ao acordar: calças largas atadas com um cordão solto e uma túnica sem forma, ambas amarelo-vivo com pintinhas azuis. Viu-se ao espelho. Achou o efeito lamentável. Era assim que se vestiam em Urras? Procurou em vão um pente, contentou-se em amarrar o cabelo atrás e, assim arranjado, preparou-se para sair do quarto.

Não conseguiu. A porta estava trancada.

A incredulidade que começou por sentir transformou-se em fúria, uma espécie de fúria, um desejo cego de violência que nunca sentira em toda a sua vida. Girou a maçaneta, que não se moveu, bateu com as mãos no metal brilhante da porta, depois virou-se e premiu o botão de chamada, que o médico lhe dissera para usar se precisasse. Nada aconteceu. Havia mais uma série de botões numerados e de cores diferentes no intercomunicador;

bateu com as mãos em todos eles. O altifalante de parede começou a balbuciar, «Quem diabo sim vai imediatamente saia quê do vinte e dois.»

Shevek abafou o som:

— Destranquem a porta!

A porta abriu-se e o médico espreitou lá para dentro. Ao ver a sua cabeça calva, amarelada e ansiosa, a fúria de Shevek arrefeceu e recolheu-se numa escuridão interior.

— A porta estava trancada — disse.

— Desculpe, Dr. Shevek — é uma precaução — o contágio, sabe, é para manter os outros fora.

— Trancar fora ou trancar dentro, o ato é o mesmo — disse Shevek baixando o olhar para o médico com olhos frios e distantes.

— A segurança...

— Segurança? Será que me deviam guardar numa caixa?

— A sala de estar dos oficiais — sugeriu o médico muito depressa, apaziguador. — Tem fome, senhor? Talvez seja melhor vestir-se e vamos para a sala de estar.

Shevek examinou as roupas do médico: calças azuis, justas, metidas no cano das botas que pareciam tão macias e finas como as próprias roupas; uma túnica violeta aberta à frente e abotoada com fitas prateadas e, por baixo disso, vendo-se apenas no pescoço e nos punhos, uma camisola tricotada num branco ofuscante.

— Não estou vestido? — perguntou Shevek por fim.

— Oh, um pijama serve, sem dúvida. Não há formalidades numa nave de carga!

— Pijama?

— É o que tem vestido. Roupas para dormir.

— Roupas para vestir enquanto se dorme?

— Sim.

Shevek pestanejou. Sem mais comentários, perguntou.

— Onde está a minha roupa?

— A sua roupa? Mandei-a limpar. Esterilizar. Espero que não se importe, senhor.

Investigou um painel de parede que Shevek não descobrira e tirou um pacote embrulhado em papel verde-claro. Desembrulhou o velho fato de Shevek, que parecia muito limpo e, de alguma forma, mais pequeno, amachucou o papel verde, ativou outro painel, atirou o papel para a lata que se abriu, e sorriu, hesitante.

- Aí tem, Dr. Shevek.
- Que acontece ao papel?
- O papel?
- O papel verde.
- Oh, pu-lo no lixo.
- Lixo?
- Caixote do lixo. É queimado.
- Vocês queimam papel?

— Talvez seja apenas lançado para o espaço, não sei. Não sou médico espacial, Dr. Shevek. Deram-me a honra de cuidar de si devido à minha experiência com outros visitantes dos mundos exteriores, os embaixadores de Terra e de Hain. Dirijo o processo de descontaminação e integração de todos os alienígenas que chegam a A-Io. Não que o senhor seja um alienígena no mesmo sentido, claro. — Olhou timidamente para Shevek, que não percebeu tudo o que ele disse mas discerniu a natureza ansiosa, reticente e bem-intencionada subjacente às palavras.

— Pois não — garantiu-lhe Shevek. — Talvez eu tenha tido a mesma avó que o senhor, há duzentos anos, em Urras. — Começou a vestir a sua roupa e, ao enfiar a camisola na cabeça, viu o médico introduzir as «roupas de dormir» azuis e amarelas na lata do «lixo». Shevek deteve-se, com a gola ainda por cima do nariz. Emergiu completamente, ajoelhou-se e abriu a lata. Estava vazia.

— As roupas são queimadas?

— Oh, isto são pijamas baratos, coisas de serviço — é mais barato usá-las e deitá-las fora do que limpá-las.

— É mais barato — repetiu Shevek pensativo. Disse as palavras da mesma maneira que um paleontólogo olha para um fóssil, o fóssil que data um estrato completo.

— Receio bem que a sua bagagem se tenha perdido naquela última corrida para a nave. Espero que não tivesse lá nada de importante.

— Não trouxe nada — disse Shevek. Apesar de o seu fato ter ficado quase branco na lavagem e ter encolhido um pouco, ainda lhe servia e o toque familiar da áspera fibra de holum era agradável. Sentia-se outra vez ele próprio.

Sentou-se na cama, olhando o médico.

— Está a ver, eu sei que vocês não consideram as coisas como nós. No vosso mundo, em Urras, as pessoas precisam de comprar coisas. Vou para o vosso mundo, não tenho dinheiro, por isso precisava de trazer coisas. Mas,

que quantidade podia trazer? Roupas, sim, podia trazer dois fatos. Mas, comida? Como podia trazer comida suficiente? Não posso trazer, não posso comprar. Se me quiserem manter vivo, têm de me dar. Eu sou um anarrestí, farei os Urrastis comportarem-se como os Anarrestis: dar, em vez de vender. Se quiserem. Naturalmente, não é necessário que me mantenham vivo! Sou o Pedinte, como vê.

— Oh, nada disso, senhor. Não, não. O senhor é um convidado muito ilustre. Por favor, não nos julgue pela tripulação desta nave, são homens muito ignorantes e limitados — não faz ideia de como será bem recebido em Urras. Afinal, o senhor é um cientista mundialmente famoso — galacticamente famoso! E o nosso primeiro visitante de Anarres! Asseguro-lhe que as coisas serão muito diferentes quando chegarmos a Campo Peier.

— Não duvido que serão diferentes — disse Shevek.

A Viagem à Lua normalmente demorava quatro dias e meio para cada lado, mas desta vez foram adicionados cinco dias de tempo de habituação para o passageiro na viagem de volta. Shevek e o Dr. Kimoe passaram-nos entre vacinas e conversas. O capitão da *Mindful* passou-os a manter a órbita em torno de Urras e a praguejar. Quando tinha de falar com Shevek, fazia-o com uma desconfortável falta de respeito. O médico, que estava preparado para explicar tudo, tinha a sua análise pronta:

— Ele está habituado a considerar todos os estrangeiros inferiores, como não sendo completamente humanos.

— A criação de pseudoespécies, chamava-lhe Odo. Sim. Eu pensei que talvez o povo de Urras já não pensasse assim, visto terem tantas línguas e nações, e até visitantes de outros sistemas solares.

— Desses temos muito poucos, visto as viagens interestelares serem tão dispendiosas e lentas. Talvez não seja assim para sempre — acrescentou o Dr. Kimoe, evidentemente com intenção de lisonjear Shevek ou de pô-lo à vontade, o que Shevek ignorou.

— O segundo oficial — disse este —, parece ter medo de mim.

— Oh, em relação a esse, trata-se de intolerância religiosa. É um Epifanista rigoroso. Recita os Preceitos todas as noites. Uma mentalidade totalmente rígida.

— Quer dizer que ele me vê... como?

— Como um ateu perigoso.

— Ateu! Porquê?

— Ora, porque o senhor é um odoniano de Anarres — em Anarres não há religião.

— Não há religião? Somos pedras, em Anarres?

— Refiro-me a religião estabelecida — igrejas, credos...

Kimoe enervava-se facilmente. Tinha a ríspida autoconfiança de médico, mas Shevek perturbava-a constantemente. Todas as suas explicações acabavam por perder o fio à meada após duas ou três perguntas de Shevek. Cada um deles tomava por garantidas algumas associações que o outro nem sequer conseguia ver. Por exemplo, esta curiosa questão da superioridade, da altura relativa, era importante para os Urrastis; nos seus escritos, usavam frequentemente a expressão «mais elevado» como sinónimo de «melhor», onde um anarresti usaria «mais central». Porém, o que é que ser mais elevado tinha a ver com ser estrangeiro? Era um enigma, entre centenas.

— Estou a ver — disse ele, agora que mais um enigma se esclarecia. — Vocês não admitem qualquer religião fora das igrejas, como não admitem qualquer moralidade fora das leis. Sabe, eu nunca tinha conseguido compreender isso, mesmo tendo lido tantos livros urrastis.

— Bem, hoje em dia, qualquer pessoa esclarecida admitiria.

— O vocabulário dificulta as coisas — disse Shevek, continuando a raciocinar sobre a sua descoberta. — Em právico, a palavra *religião* é escassa. Não, como é que vocês dizem — é rara. Não é muito usada. Claro que é uma das Categorias: o Quarto Modo. Poucas pessoas aprendem a praticar todos os Modos. Mas os Modos são construídos a partir das capacidades naturais da mente; vocês não podem pensar a sério que não temos capacidade religiosa? Que podemos fazer Física e, ao mesmo tempo, estarmos arredados da relação mais profunda do homem com o cosmo?

— Oh, não, nem pensar.

— Isso seria realmente fazer de nós uma pseudoespécie!

— Certamente que os homens educados compreendem isso, estes oficiais são ignorantes.

— Quer dizer que só os intolerantes têm permissão de sair para o cosmo?

Todas as suas conversas eram assim, extremamente cansativas para o médico e insatisfatórias para Shevek, embora muito interessantes para ambos. Eram a única forma disponível para Shevek explorar o novo mundo que o aguardava. A própria nave e a mente de Kimoe eram o seu microcosmo. Não havia livros a bordo da *Mindful*, os oficiais evitavam Shevek e os elementos da tripulação eram mantidos estritamente sem contacto

com ele. Quanto à mente do médico, se bem que inteligente e certamente bem-intencionada, era uma mistura de artefactos intelectuais ainda mais confusa do que todos os aparelhos, dispositivos e conveniências que enchiam a nave. Shevek achava os aparelhos interessantes; era tudo tão luxuoso, cheio de estilo e inventivo; o mobiliário do intelecto de Kimoe, contudo, não lhe parecia tão confortável. As ideias do médico nunca pareciam ser capazes de ir em linha reta; tinham sempre de contornar isto e evitar aquilo e acabavam esmagadas contra um muro. Havia muros em torno de todos os seus pensamentos, e ele parecia totalmente inconsciente destes, embora fosse atrás deles que perpetuamente se escondia. Apenas uma vez Shevek detetou uma brecha nesses muros, em todos os seus dias de conversação entre mundos.

Ele tinha perguntado por que razão não havia mulheres na nave, e Kimoe respondera-lhe que tripular uma nave de carga não era trabalho para mulheres. Os cursos de História e os seus conhecimentos dos escritos de Odo deram a Shevek um contexto no qual compreender a sua resposta tautológica, e ele não disse mais nada. Mas o médico, por seu turno, fizera-lhe uma pergunta, uma pergunta sobre Anarres.

— É verdade, Dr. Shevek, que na sua sociedade as mulheres são tratadas exatamente como os homens?

— Isso seria um desperdício de bom equipamento — disse Shevek com uma gargalhada, e depois deu uma segunda gargalhada, ao aperceber-se do completo ridículo da ideia.

O médico hesitou, evidentemente escolhendo o seu caminho em redor de um dos muitos obstáculos da sua mente, depois mostrou-se embaraçado e disse:

— Oh, não, eu não me referia ao aspeto sexual... obviamente o senhor... elas... quero dizer, na questão do estatuto social.

— *Estatuto* é o mesmo que *classe*?

Kimoe tentou explicar o que era estatuto, não conseguiu e voltou ao tema inicial.

— Não existe, na realidade, distinção entre o trabalho dos homens e o trabalho das mulheres?

— Claro que não; parece uma base bastante mecânica para a divisão do trabalho, não é? Uma pessoa escolhe trabalhar de acordo com os seus interesses, talentos, forças — que tem o sexo a ver com isso?

— Os homens são mais fortes fisicamente — afirmou o médico com determinação profissional.

— Sim, normalmente, e também maiores, mas isso que importa, quando dispomos de máquinas? E, mesmo nos casos em que não temos máquinas, quando precisamos de cavar com uma pá ou carregar algo às costas, os homens talvez trabalhem mais depressa — os grandes —, mas as mulheres trabalham mais tempo... Tenho desejado muitas vezes ser tão resistente quanto uma mulher.

Kimoe fitou-o, tão chocado que se esqueceu da educação.

— Mas a perda de... de tudo o que é feminino... da delicadeza, e a perda do respeito próprio masculino... O senhor não pretende dizer, certamente, que no *seu* trabalho, as mulheres são suas *iguais*? Na física, na matemática, no trabalho intelectual? Não pretende rebaixar-se constantemente ao nível delas?

Shevek sentou-se na confortável cadeira almofadada e olhou em torno da sala dos oficiais. No ecrã, a brilhante curva de Urras ainda estava suspensa, com o espaço negro em fundo, como uma opala verde-azulada. Aquela visão maravilhosa e aquela sala tinham-se-lhe tornado familiares nestes últimos dias, mas, neste momento, as cores vivas, as cadeiras curvilíneas, as luzes dissimuladas, as mesas de jogo, os ecrãs de televisão e a carpete macia, tudo lhe parecia tão desconhecido como na primeira vez que os vira.

— Acho que não pretendo muito, Kimoe — respondeu.

— Claro que já conheci mulheres extremamente inteligentes, mulheres que eram capazes de pensar como um homem — apressou-se o médico a dizer, consciente de que quase gritara — de que, pensou Shevek, batera com os punhos na porta fechada e gritara...

Shevek mudou de assunto, mas continuou a pensar naquilo. Esta questão da superioridade e da inferioridade devia ser fundamental na vida social urrasti. Se, para se respeitar a si próprio, Kimoe precisava de considerar que metade da humanidade lhe era inferior, como é que as mulheres conseguiam respeitar-se a si mesmas — considerariam os homens inferiores? E como é que tudo isso afetava as suas vidas sexuais? Ele sabia, pelos escritos de Odo, que duzentos anos antes as principais instituições sexuais dos Urrastis tinham sido o «casamento», uma parceria autorizada e sancionada legal e economicamente, e a «prostituição», que parecia ser meramente um termo mais vasto para a cópula no modo económico. Odo condenava ambas e, contudo, Odo fora «casada». E, de qualquer modo, as instituições deviam ter mudado bastante em duzentos anos. Como teria de viver em Urras e com os Urrastis, o melhor era ficar a saber.

Era estranho que até mesmo o sexo, a fonte de tanto conforto, deleite

e alegria durante tantos anos, pudesse de um momento para o outro tornar-se um território desconhecido, onde ele tinha de se mover com cuidado e assumir a sua ignorância; e, no entanto, assim era. Foi avisado disso não só pela pura explosão de desdém e raiva de Kimoe, mas também por uma anteriormente vaga impressão que esse episódio lhe recordou. Quando ele embarcara na nave, naquelas longas horas de febre e desespero, fora distraído, por vezes com agrado, outras com irritação, por uma sensação grosseiramente simples: a suavidade da cama. Embora fosse apenas uma tarimba, o colchão cedia sob o seu peso com a suavidade de uma carícia. O colchão cedia-lhe tão insistentemente que ele estava, ainda agora, sempre consciente dele enquanto adormecia. Tanto o prazer quanto a irritação produzidos eram, decididamente, eróticos. Havia também aquela boquilha que soltava ar quente no aparelho que substituía as toalhas: provocava-lhe o mesmo género de efeito. Uma espécie de cócegas. E o desenho do mobiliário na sala dos oficiais, as suaves curvas plásticas a que tinha sido vergada a obstinação da madeira e do aço, a suavidade e delicadeza das superfícies e texturas: não seriam também vaga e insistentemente eróticas? Ele conhecia-se o suficiente para saber que alguns dias sem Takver, mesmo sob uma grande pressão, não o deviam deixar tão excitado que sentisse uma mulher em cada tampo de mesa. A não ser que a mulher estivesse mesmo lá.

Seriam os marceneiros de Urrasti todos celibatários? Desistiu de pensar nisso; depressa o descobriria, quando chegasse a Urras.

Antes de terem de se amarrar para a descida, o médico foi à sua cabina verificar o progresso das várias imunizações, a última das quais, uma vacina contra a peste, deixara Shevek enjoado e tonto. Kimoe deu-lhe um comprimido novo.

— Isto vai animá-lo para a aterragem — afirmou. Estóico, Shevek engoliu a coisa. O médico pôs-se a remexer no seu estojo e, de repente, desatou a falar muito depressa.

— Dr. Shevek, não espero que me permitam voltar a tratar de si, embora seja possível, mas caso não seja, queria dizer-lhe que isto, que eu, que isto foi um grande privilégio para mim. Não porque... mas porque acabei por respeitar, por apreciar, apenas como um ser humano, a sua generosidade, verdadeira generosidade...

Sem lhe ocorrer uma reação mais adequada no meio da sua dor de cabeça, Shevek estendeu o braço, tomou a mão de Kimoe, e disse:

— Nesse caso, temos de nos encontrar outra vez, irmão!

Kimoe abanou-lhe nervosamente a mão, ao estilo urrasti, e saiu

rapidamente. Depois de ele sair, Shevek percebeu que lhe falara em právico, chamando-lhe *ammarr*, irmão, numa língua que Kimoe não compreendia.

O altifalante da parede bradava ordens. Amarrado à sua tarimba, Shevek ouvia, sentindo-se confuso e alheado. As sensações de entrada espessavam a sua névoa mental; ele tinha consciência de pouco mais que uma profunda esperança de não ter de vomitar. Ele não sabia que tinham aterrado até Kimoe regressar apressadamente e o fazer sair para a sala dos oficiais. O ecrã onde durante tanto tempo Urras estivera luminoso e embrulhado em nuvens estava agora em branco. A sala estava cheia de gente. De onde tinham vindo todos? Ficou surpreendido e satisfeito com a sua capacidade para se pôr de pé, andar e apertar mãos. Concentrou-se apenas nisso e alheou-se do sentido. Vozes, sorrisos, mãos, palavras, nomes. O nome dele repetido várias vezes: Dr. Shevek, Dr. Shevek... Agora, ele e todos os estranhos à sua volta desciam por uma rampa coberta, todas as vozes muito altas, as palavras fazendo eco nas paredes. O ruído das vozes diminuiu. Um ar estranho tocou-lhe o rosto.

Ele olhou para cima e, ao sair da rampa para o chão, tropeçou e quase caiu. Pensou em morte, naquele espaço entre o início de um passo e o seu fim, e no fim do passo estava a pisar uma terra nova.

Uma noite vasta e cinzenta envolvia-o. Luzes azuis, atenuadas pela neblina, ardiam ao longe, do outro lado de um campo brumoso. O ar no seu rosto e nas mãos, nas narinas, garganta e pulmões, era frio, húmido, cheio de odores, agradável. Não era estranho. Era o ar do mundo de onde a sua raça viera, era o ar de casa.

Alguém lhe segurara o braço quando ele tropeçara. Luzes faiscavam por cima dele. Os fotógrafos registavam a cena para as notícias: O Primeiro Homem da Lua: uma figura alta e frágil entre uma multidão de dignitários, professores e agentes de segurança, a bela cabeça despenteada muito direita (para que os fotógrafos pudessem captar cada feição), como se ele tentasse olhar por cima dos holofotes para o céu, o vasto céu enublado que escondia as estrelas, a Lua, todos os outros mundos. Os jornalistas tentaram atravessar os cordões policiais.

— Dr. Shevek, pode fazer-nos uma declaração neste momento histórico?

Foram imediatamente obrigados a recuar. Os homens em torno dele incentivaram-no a avançar. Foi levado para a limusina que aguardava, sempre bem visível devido à sua altura, ao seu cabelo comprido e ao estranho olhar de mágoa e reconhecimento no seu rosto.

...

As torres da cidade erguiam-se para o nevoeiro, grandes escadas de luz embaciada. Por cima deles passavam comboios, riscos brilhantes e estridentes. Grandes muros de pedra e vidro ladeavam as ruas, por cima da corrida de carros e elétricos. Pedra, aço, vidro, luz elétrica. Nenhum rosto.

— Aqui é Nio Esseia, Dr. Shevek. Mas foi decidido que, de princípio, seria melhor mantê-lo afastado das multidões da cidade. Vamos diretamente para a Universidade.

Havia cinco homens com ele no interior escuro e almofadado do carro. Apontavam-lhe pontos de referência mas, com o nevoeiro, ele não conseguia distinguir que edifício alto, vago e fugaz era o Supremo Tribunal e qual era o Museu Nacional, qual era a Diretoria e qual o Senado. Atravessaram um rio ou um estuário, os milhões de luzes de Nio Esseia, difusas no nevoeiro, tremendo sobre a água negra atrás deles. A estrada ficou mais escura, o nevoeiro mais denso e o condutor abrandou a velocidade do veículo. Os faróis brilhavam no nevoeiro à sua frente como se houvesse uma parede que não parava de recuar diante deles. Shevek inclinava-se um pouco para a frente, olhando para fora. Os seus olhos não estavam concentrados, e a sua mente também não, mas ele parecia distante e grave, e os outros homens falavam baixinho, respeitando o seu silêncio.

O que era aquela escuridão espessa que fluía infundavelmente ao longo da estrada? Árvores? Teriam estado a circular, desde que tinham saído da cidade, entre árvores? Lembrou-se da palavra iótica: «floresta». Não irromperiam subitamente num deserto. As árvores continuavam, na próxima encosta e na seguinte e na seguinte, erguendo-se no frio suave do nevoeiro, intermináveis, uma floresta que cobria o mundo inteiro, uma interação de vidas ainda em esforço, um escuro movimento de folhas na noite. E então, enquanto Shevek se maravilhava e o carro saía do nevoeiro do vale do rio para uma atmosfera mais clara, por um instante, da escuridão sob a folhagem que ladeava a estrada, um rosto olhou-o.

Não era como um rosto humano. Era tão comprido quanto o seu braço, e assustadoramente branco. Jorrava-lhe vapor de respiração do que deviam ser as narinas e, terrível e inegavelmente, havia um olho. Um olho grande e negro, triste, talvez cínico, desaparecendo na luz dos faróis.

- Que era aquilo?
- Um burro, não era?
- Um animal?

— Sim, um animal. Por Deus, é verdade! Em Anarres não têm animais grandes, pois não?

— Um burro é uma espécie de cavalo — disse outro dos homens, ao que um terceiro, numa voz mais firme e idosa, contrapôs:

— Aquilo *era* um cavalo. Não há burros daquele tamanho.

Os homens queriam conversar com ele, mas Shevek deixara outra vez de os ouvir. Estava a pensar em Takver. Perguntava-se o que teria significado para ela aquele olhar profundo, seco e negro, a destacar-se da escuridão. Ela sempre soubera que todas as vidas eram em comum, regozijando-se da sua afinidade com os peixes dos tanques nos seus laboratórios, procurando investigar as existências fora do limite humano. Takver teria sabido como devolver o olhar àquele olho na escuridão sob as árvores.

— Aqui adiante fica Ieu Eun. Há uma boa multidão a aguardá-lo, Dr. Shevek; o presidente e vários diretores, e o reitor, claro, todo o género de figurões. Mas, se estiver cansado, terminamos a receção assim que possível.

A receção durou várias horas. Depois disso, ele nunca conseguiu recordá-la claramente. Foi empurrado do interior escuro do carro para uma enorme e brilhante caixa cheia de gente — centenas de pessoas sob um teto dourado de onde pendiam candeeiros de cristal. Foi apresentado a toda a gente. Eram todos mais baixos do que ele, e sem pelos. As poucas mulheres presentes não tinham sequer cabelo; ele percebeu que deviam depilar tudo, os muito finos, macios e curtos pelos corporais da sua raça, e o cabelo também. Mas substituíam-no por roupas maravilhosas, de fantástico corte e colorido, as mulheres de vestidos compridos que varriam o chão, de seios nus, as cinturas, pescoços e cabeças adornados com joias, rendas e gazes, os homens de calças e casacos ou túnicas em vermelho, azul, violeta, dourado, verde, com mangas recortadas e cascatas de renda, ou vestes compridas em carmesim e verde-escuro ou preto, que abriam nos joelhos para mostrar as meias brancas com ligas prateadas. Outra palavra iótica ocorreu a Shevek, uma para a qual nunca tivera referente, embora lhe agradasse o seu som: «esplendor». Aquelas pessoas tinham esplendor. Fizeram-se discursos. O presidente do Senado da Nação A-Io, um homem com olhos frios e estranhos, propôs um brinde.

— A uma nova era de fraternidade entre os Planetas Gémeos, e ao precursor dessa nova era, o nosso distinto Dr. Shevek de Anarres, a quem damos as boas-vindas!

O reitor da universidade falou com ele de maneira sedutora, o Primeiro Diretor da Nação falou com ele seriamente, foi apresentado a embaixadores, astronautas, físicos, políticos, dezenas de pessoas, todas com longos títulos honoríficos tanto antes como depois dos nomes, e estas pessoas falaram com ele e ele respondeu-lhes, mas mais tarde não guardava memória do que ninguém dissera, e menos ainda do que ele próprio dissera. Nessa noite, muito tarde, deu por si com um pequeno grupo de homens, caminhando sob a chuva morna através de um grande parque ou praça. Tinha a sensação elástica de relva viva sob os seus pés; reconhecia-a por ter caminhado no Parque do Triângulo, em Abbenay. Essa memória vívida e o vasto toque frio do vento da noite acordaram-no. A sua alma saiu do esconderijo.

Os seus acompanhantes levaram-no para dentro de um edifício e depois a um quarto que, explicaram, era «dele».

Era grande, com cerca de dez metros de comprimento e, evidentemente, uma sala comum, visto não haver divisões nem sítios para dormir; os três homens ainda com ele deviam ser os seus companheiros de casa. Era uma sala comum muito bonita, com uma parede inteira de janelas, cada uma separada por uma coluna esguia que ascendia em forma de árvore para formar um arco duplo no topo. O chão estava alcatifado a carmesim e, no outro extremo do aposento, um lume ardia numa lareira aberta. Shevek atravessou a sala e deteve-se diante da lareira. Ele nunca vira madeira arder para criar calor, mas estava deslumbrado. Estendeu as mãos para o calor agradável e sentou-se num banco de mármore polido junto da lareira.

O mais jovem dos homens que o acompanhara, sentou-se do outro lado da lareira. Os outros dois ainda conversavam. Estavam a falar de física, mas Shevek não tentou seguir o que diziam. O mais jovem dirigiu-se-lhe em voz baixa:

— Gostava de saber como se está a sentir, Dr. Shevek.

Shevek esticou as pernas e chegou-se para a frente, para apanhar o calor do fogo na cara.

— Sinto-me pesado.

— Pesado?

— Talvez seja da gravidade. Ou por estar cansado. — Olhou para o outro homem mas, através do brilho do fogo, o seu rosto não era nítido, apenas via o cintilar de uma corrente de ouro e o vermelho-escuro da túnica. — Não sei o seu nome.

— Saio Pae.

— Oh, Pae, pois. Conheço os seus artigos sobre o Paradoxo. — Falou pesada e sonhadamente.

— Deve haver aqui um bar, as residências dos professores seniores têm sempre um armário de bebidas. Apetece-lhe beber alguma coisa?

— Sim, água.

O jovem reapareceu com um copo de água e os outros dois juntaram-se a eles junto da lareira. Shevek bebeu a água avidamente e ficou sentado, olhando o copo na sua mão, uma peça fina e de forma requintada que refletia o brilho do fogo no rebordo dourado. Tinha consciência da presença dos três homens, das suas atitudes junto de si, sentados ou de pé, protetores, respeitosos, proprietários.

Olhou-os, um a um. Todos lhe devolveram o olhar, expetantes.

— Bem, aqui me têm — disse ele. — Têm o vosso anarquista. Que vão fazer com ele?